

LEONARDO LUIZ DA SILVA

**PREVALÊNCIA DO TABAGISMO NA POPULAÇÃO DE
FLORIANÓPOLIS**

**Trabalho apresentado à Universidade
Federal de Santa Catarina, para a conclusão
do Curso de Graduação em Medicina.**

FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA

2001

LEONARDO LUIZ DA SILVA

**PREVALÊNCIA DO TABAGISMO NA POPULAÇÃO DE
FLORIANÓPOLIS**

**Trabalho apresentado à Universidade
Federal de Santa Catarina, para a conclusão
do Curso de Graduação em Medicina.**

**Coordenador do Curso: Professor Edson José Cardoso
Orientador: Professor Alberto Chterpensque**

FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA

2001

AGRADECIMENTOS

Gostaria de prestar agradecimentos especiais ao Professor Alberto Chterpesnque pela orientação, disponibilidade e dedicação que tornaram viável este trabalho, desde o projeto inicial até a revisão final do texto.

Agradeço também aos amigos Ricardo Sebold Brando e Ronaldo de Proença Bettega, acadêmicos do curso de graduação em Medicina, que colaboraram imensamente na coleta dos dados utilizados neste trabalho, bem como agradecer ao apoio e eterna amizade dos colegas e amigos da turma de Medicina 2001/2.

Aos meus pais e irmãos, a minha eterna gratidão pelo apoio e colaboração, sempre presentes e incentivadores nos obstáculos enfrentados e participantes nas vitórias obtidas.

À minha namorada Raquel de Souza da Luz, devo agradecimentos, pela devoção, compreensão e incentivo nos momentos difíceis.

ÍNDICE

1. Introdução.....	01
2. Objetivos.....	06
3. Métodos.....	07
4. Resultados.....	09
5. Discussão.....	13
6. Conclusão.....	18
7. Referências.....	19
Normas Adotadas.....	21
Resumo.....	22
Summary.....	23
Apêndice.....	24

1. INTRODUÇÃO

A história mostra vários fatores que contribuíram para que o tabagismo tomasse dimensão que hoje se observa no cenário mundial.

O hábito da utilização dos produtos derivados do tabaco remonta na humanidade desde aproximadamente 3.000 anos a.C., com início na América Central, principalmente em rituais mágicos e religiosos.¹

No Brasil acredita-se que a planta foi trazida através da migração de índios Tupi-Guarani.¹

A planta foi levada à Europa através das grandes navegações do século XV, primeiramente através da esquadra de Cristóvão Colombo, cujos navegadores recebiam dos índios a planta como forma de amizade.^{1,2}

Algum tempo depois os portugueses também tiveram contato com a planta ao desembarcarem no Brasil através da população indígena que vivia em nosso país naquela época.²

A partir do século XVI seu uso começou a espalhar-se pela Europa Ocidental, conta a história, introduzido por um diplomata francês chamado Jean Nicot, que vindo de Portugal utilizou-se das propriedades medicinais atribuídas à planta do tabaco para curar a rainha da França Catarina de Médici de suas crises de enxaqueca. Em homenagem a Jean Nicot, que a planta recebeu o nome de *Nicotiana tabacum*.^{1,2}

Os poderes medicinais da folha do tabaco eram tamanhos que suas folhas chegaram a ter seu uso indicado durante a peste de 1664-1666 para afastar a praga.²

Suas folhas começaram a ser comercializadas a partir do século XVI e rapidamente tiveram seu uso difundido mesmo sem a comprovação de seus

efeitos terapêuticos. O hábito do uso do tabaco chegou nesta época já a Ásia e África.^{2,4}

Com o uso bastante difundido, o comércio do tabaco tornou-se altamente lucrativo, surgindo entre os séculos XVI e XVII as primeiras companhias que acabaram tornando-se grandes potências. Com o início da comercialização, se havia alguma restrição por parte dos governos em relação do tabaco, estas caíram por terra devido a quantidade de tributos gerados pelo comércio das companhias tabageiras.²

A boa fase vivida pelos produtos derivados do tabaco no comércio mundial continuou a crescer grandemente chegando a ponto de o tabaco ser um dos maiores valores do comércio no mundo. No Brasil, por exemplo, rolos de fumo eram usados como moeda na troca por escravos.^{3,5}

O consumo do tabaco ao longo dos tempos foi experimentando várias fases de acordo com o modismo da época. No século XVII, viveu-se a fase do cachimbo. Já no início do século XVIII relata-se o uso muito freqüente da aspiração do rapé. O século XVIII guardava ainda o início do hábito de mascar folhas de fumo, que eram cuspidas posteriormente em escarradeiras. Existiu ainda a difusão do tabaco sob forma de charutos, que apesar de atualmente ter seu uso restrito a grupos de apreciadores, teve seu período universal no início do século XIX. Finalmente por volta de 1850 que o uso do tabaco sob forma de cigarro teve início na Inglaterra e apesar das contrapropagandas da indústria de charutos cresceu assustadoramente até os dias atuais.^{2,4}

Um dos fatores que contribuiu muito para o crescimento do hábito de fumar cigarros na população mundial foi a ocorrência das duas Guerras Mundiais de 1914 e 1945, tanto pelo contato que proporcionou entre soldados de várias partes do mundo entre si como principalmente pelas mudanças sociais que proporcionou no cenário mundial. Sendo as principais delas o aumento da tensão social e a maior participação da mulher no mercado de trabalho.^{2,4,6}

A partir do início da industrialização com as técnicas de marketing e publicidade utilizadas pelas indústrias beneficiadoras do tabaco, o seu uso cresceu substancialmente.²

Nos Estados Unidos, por exemplo, o consumo per capto de cigarros saltou de 750 cigarros anual para em torno de 3900, no período compreendido entre 1920 e 1960. Números que puderam ser observados de forma semelhante em países como Inglaterra e Rússia entre outros.^{3,6}

Apesar do prestígio do tabaco ter aumentado bastante em todo este período, não houve crescimento paralelo de estudos mostrando as conseqüências para o organismo humano decorrentes do hábito de fumar.^{1,2,4}

A primeira advertência científica surgiu em 1859, em um estudo clínico elaborado por um clínico francês, chamado Bouissem, onde de 68 pacientes portadores de câncer de lábios, mucosa oral, e da língua 66 eram usuários de cachimbo.²

O estudo que serviu como marco foi uma casuística desenvolvida por Dol e Peto no ano de 1951, que comprovou que o fumo é o principal agente etiológico do câncer de pulmão.^{2,4} Em um outro estudo clássico prospectivo do Royal College of Physicians, com 334.439 médicos ingleses, iniciado em 1951 e com seguimento de 40 anos, constatou-se que a mortalidade por câncer de pulmão, DPOC, pneumonias bacterianas e virais e por tuberculose pulmonar foi respectivamente 19,5; 14,2; 5,8; e 3,7 vezes mais elevada nos tabagistas em relação aos que nunca tinham fumado.^{4,5}

Os efeitos nocivos do fumo podem ser facilmente entendidos quando levamos em conta que o mesmo é o maior multitóxico que o organismo humano tem contato de forma voluntária ou não. Além da nicotina e do monóxido de carbono, já estão documentadas em torno de 4700 substâncias nocivas ao homem no cigarro, distribuídas em 15 funções químicas, dentre elas citamos 108 aldeídos, 227 ácidos carboxílicos, 474 ésteres e 521 cetonas.^{4,5}

Há vários efeitos dessas substâncias no organismo. As principais delas estão descritas a seguir: 1- nicotina, responsável pela dependência do cigarro, além de ter ação na elevação da frequência cardíaca, vasoconstrição periférica, levando ao aumento da pressão arterial. 2- o monóxido de carbono, que se liga à hemoglobina, bloqueando-a causando queda na taxa de saturação de oxigênio dos tecidos. 3- acroleína, substância irritante da laringe e alvéolos, sendo responsável pelo potencial irritante da fumaça de cigarro. 4- os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos, substâncias responsáveis pelo poder carcinogênico do cigarro. 5- substâncias ativadoras de enzimas, um exemplo é a ativação da elastase, responsável pela destruição da elastina levando ao enfisema pulmonar.²⁻⁵

Todos estes efeitos ocorrem não só em fumantes, mas também naqueles que convivem com os fumantes ou que freqüentam ambientes comuns com fumantes. Acredita-se que, em média, um indivíduo junto a um fumante, em ambiente fechado, fuma o equivalente a um terço do por ele fumado. Estudos mostrando a concentração de carboxi-hemoglobina no sangue têm demonstrado que esta percentagem pode atingir até 50%.⁴

Entre as crianças, existem estudos mostrando que populações infantins entre zero e um ano de idade apresentam o dobro de episódios de bronquite e pneumonia se houver um fumante em casa. Este número sobe para quase o triplo na presença de dois fumantes na residência.⁴

Já observando as esposas de fumantes vemos que elas têm o dobro de chance de contrair câncer de pulmão, em relação a esposas de maridos não fumantes.⁴

Para o meio ambiente os prejuízos também são imensos, pois no processo de secagem das folhas de tabaco é utilizada lenha para o aquecimento das estufas na proporção de uma árvore para cada 300 cigarros produzidos. Dados da Associação de Fumicultores do Brasil (AFUBRA), mostram que em 1992/93

no Brasil existiam 115850 estufas para secagem de fumo, sendo que estas consumiram neste período 37.505.000 árvores. A derrubada das árvores também ocorre para a produção de papel utilizado nos cigarros em uma média de 526 milhões de árvores ao ano. E por fim, calcula-se que 25% dos incêndios rurais e urbanos no Brasil sejam desencadeados por pontas de cigarro que são jogadas acesas no ambiente.^{1,4}

Por todos estes dados podemos concluir que os males do tabagismo não são exclusivos do fumante, mas sim de seus familiares, de pessoas de seu convívio que respiram o mesmo ar contaminado, e de toda a sociedade que tem sua qualidade de vida diminuída, tanto pela contaminação do ar quanto pelo desmatamento causado na produção do cigarro.⁴

Faz-se então necessário, que seja instituída uma política de combate ao tabagismo pela conscientização da população, além da restrição as campanhas de publicidade das indústrias do tabaco, para que possamos diminuir no futuro o número de fumantes, e conseqüentemente os efeitos que este hábito causa em nossa sociedade.^{1-4,6}

Neste panorama, o presente trabalho apresenta-se como instrumento para detecção da real situação do tabagismo em Florianópolis, bem como fonte de dados atuais sobre este quadro no Brasil.

2. OBJETIVOS

- 1. Avaliar a ocorrência do tabagismo entre uma parcela da população residente no município de Florianópolis.**
- 2. Estudar a idade de início do hábito do tabagismo nesta população.**
- 3. Servir como parâmetro para futuras avaliações e propostas de trabalho na área de tabagismo.**

3. MÉTODOS

Este é um estudo transversal, individual, contemporâneo, observacional, não controlado. Foi realizado através da aplicação de um questionário (apêndice 1) a residentes no município de Florianópolis, no período de maio a junho de 2000.

Os questionários foram colhidos, no centro da cidade, em período diurno, de maneira voluntária. Sendo que as perguntas eram feitas diretamente pelo entrevistador ao entrevistado, e as respostas eram dadas de forma aberta sem o fornecimento de opções ao entrevistado.

Os questionários incluíam informações pessoais básicas, como idade, sexo, escolaridade, além de informações demográficas como local de residência do voluntário, e a profissão desenvolvida pelo entrevistado.

Foi questionado a seguir de forma objetiva se o entrevistado era fumante ou não, ou se já cultivou o hábito do tabagismo em algum período de sua vida.

Caso o entrevistado referisse que em momento algum de sua vida fez uso de cigarros, o questionário era dado por encerrado e o mesmo enquadrado na categoria dos não fumantes.

O único critério de exclusão dos entrevistados era a idade, sendo considerada 15 anos completos como idade mínima para inclusão na pesquisa.

Foram considerados fumantes aqueles que referiram no dia da pesquisa que faziam uso regular de cigarros há pelo menos um mês, consumindo no mínimo, em média, um cigarro ao dia. A estes era questionado o número de cigarros consumidos por dia, e há quanto tempo isto ocorria.

Para ser considerado um ex-fumante, o voluntário deveria em algum momento de sua vida ter preenchido os critérios de fumante, já explicitados

acima, e ter se mantido em abstinência do cigarro no mínimo nos últimos seis meses.

Os entrevistados foram divididos por sexo.

Além da divisão por sexo foram também divididos de acordo com a idade nas faixas etárias de 15 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 45 anos, 46 a 55 anos e aqueles com 56 anos ou mais.

Os mesmos critérios de idade foram utilizados para separar os entrevistados de acordo com a idade de início do tabagismo, sendo que para este critério, foram considerados os fumantes que iniciaram seu hábito antes dos 15 anos de idade.

Os resultados são apresentados em frequência, colocada em termos de números e percentual, demonstrados sob forma de tabelas e gráficos.

4. RESULTADOS

Ao fim da coleta de dados foram reunidos 1886 questionários devidamente respondidos entre pessoas que residiam no município de Florianópolis.

Entre os entrevistados temos 1006 homens (53%) e 880 mulheres (47%), números que podem ser visualizados na figura 1.

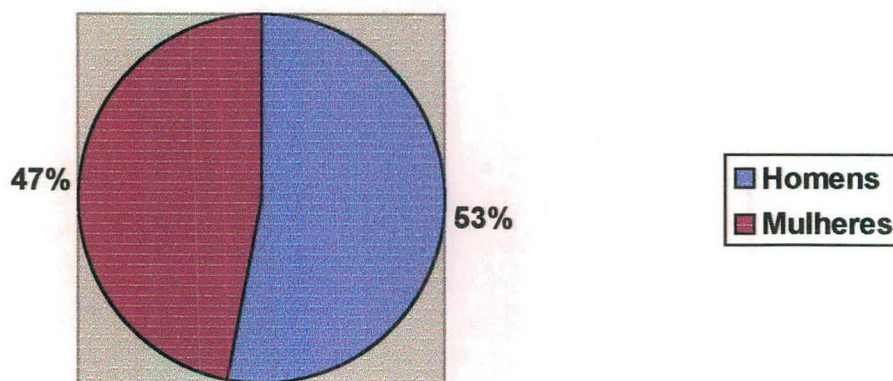


Figura 1: Distribuição dos entrevistados quanto ao sexo.

Os entrevistados também foram divididos quanto o hábito do tabagismo. Entre os 1886 entrevistados encontramos 468 fumantes (24,8%), 240 ex-fumantes (12,7%) e 1178 não fumantes (62,5%), como mostrado na tabela 1.

Entre os homens o tabagismo era hábito de 272 entrevistados (27%), encontramos 162 ex-fumantes (16,1%), e 572 deles eram não fumantes (56,9%). Já entre as mulheres o número de fumantes foi de 196 (22,2%), 78 delas eram ex-fumantes (8,9%) e 606 não fumantes (68,9%), ver tabela 1.

Tabela I – Distribuição dos entrevistados por sexo e pelo hábito do tabagismo.

Sexo	Não fumantes	Fumantes	Ex-fumantes	Total
Masculino	572 (56,9%)	272 (27%)	162 (16,1%)	1006
Feminino	606 (68,9%)	196 (22,2%)	78 (8,9%)	880
Total	1178 (62,5%)	468 (24,8%)	240 (12,7%)	1886

Na faixa etária que vai de 15 a 25 anos de idade tivemos 698 entrevistados o que corresponde a 37% do total. Entre estes o número de fumantes foi de 176 (25,2%), encontramos 30 ex-fumantes (4,3%) e 492 não fumantes (70,5%), vide tabela 2.

Tabela II – Hábito do tabagismo entre os entrevistados com idade entre 15 e 25 anos de idade.

Sexo	Não fumantes	Fumantes	Ex-fumantes	Total
Masculino	240 (67,8%)	104 (29,4%)	10 (2,8%)	354
Feminino	252 (73,2%)	72 (21%)	20 (5,8%)	344
Total	492 (70,5%)	176 (25,2%)	30 (4,3%)	698

Contabilizamos 426 entrevistados com idade entre 26 e 35 anos, 22,6% do total, entre estes encontramos 102 fumantes (23,9%), 36 ex-fumantes (8,4%) e 288 não fumantes (67,7%), números mostrados na tabela 3.

Tabela III – Frequência do Tabagismo entre 26 e 35 anos de idade.

Sexo	Não fumantes	Fumantes	Ex-fumantes	Total
Masculino	154 (63,7%)	62 (25,6%)	26 (10,7%)	242
Feminino	134 (72,9%)	40 (21,7%)	10 (5,4%)	184
Total	288 (67,7%)	102 (23,9%)	36 (8,4%)	426

Analisando os entrevistados com 36 a 45 anos, totalizamos 340 pessoas o que corresponde a 18,1% do total. Destes, 94 (27,6%) eram fumantes, 54 (15,9%) eram ex-fumantes e 192 (56,5%) eram não fumantes, dados estes demonstrados na tabela 4.

Tabela IV – Análise dos entrevistados com idade entre 36 e 45 anos.

Sexo	Não Fumantes	Fumantes	Ex-fumantes	Total
Masculino	74 (49,4%)	44 (29,3%)	32 (21,3%)	150
Feminino	118 (62,1%)	50 (26,3%)	22 (11,6%)	190
Total	192 (56,5%)	94 (27,6%)	54 (15,9%)	340

Totalizamos 224 pessoas com idade entre 46 e 55 anos correspondendo a 11,9% do total de entrevistados. Nesta idade encontramos 72 fumantes (32,1%), 48 ex-fumantes (21,4%) e 104 não fumantes (46,5%), ver tabela 5.

Tabela V – Distribuição dos entrevistados entre 46 e 55 anos.

Sexo	Não Fumantes	Fumantes	Ex-fumantes	Total
Maculino	54 (40,3%)	48 (35,8%)	32 (23,9%)	134
Feminino	50 (55,6%)	24 (26,7%)	16 (17,7%)	90
Total	104 (46,5%)	72 (32,1%)	48 (21,4%)	224

De todos os entrevistados, 10,5% tinham mais de 56 anos, ou seja, 198 pessoas. Destes, 24 eram fumantes (12,1%), 72 eram ex-fumantes (36,3%) e 102 eram não fumantes (51,6%), o que pode ser observado na tabela 6.

Tabela VI – Hábito do tabagismo entre os entrevistados com mais de 56 anos.

Sexo	Não Fumantes	Fumantes	Ex-fumantes	Total
Masculino	50 (39,7%)	14 (11,1%)	62 (49,2%)	126
Feminino	52 (72,2%)	10 (13,9%)	10 (13,9%)	72
Total	102 (51,6%)	24 (12,1%)	72 (36,3%)	198

Estudamos também a idade de início do hábito de tabagismo, e entre todos os entrevistados que eram fumantes ou ex-fumantes, 224 (31,6%) deles haviam começado antes dos 15 anos de idade, 400 (56,5%) entre 16 e 25 anos, 66 (9,3%) entre 26 e 35 anos, 13 (1,9%) entre 36 e 45 anos e 05 (0,7%) entre 46 e 55 anos, por fim nenhum dos entrevistados iniciou a fumar após os 56 anos de idade, observe a figura 2.

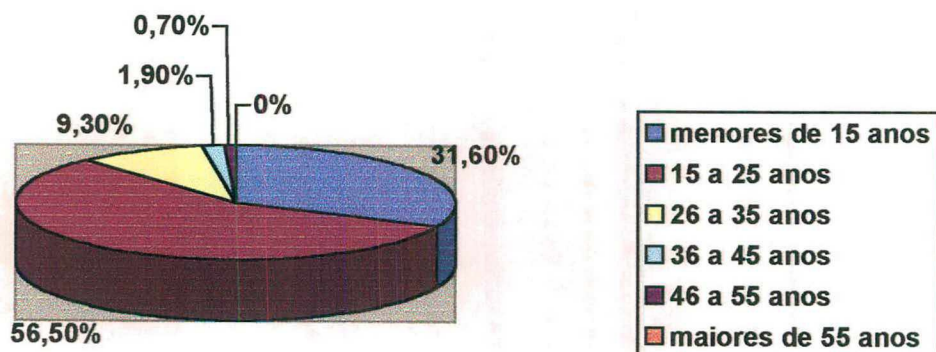


Figura 2 – Distribuição dos entrevistados quanto a idade de início do tabagismo.

5. DISCUSSÃO

A incidência do tabagismo no Brasil continua sendo difícil de precisar em virtude dos poucos estudos existentes. Mas sabemos que assistimos há uma invasão tabágica, cuja incidência se aguçou muito a partir de 1970. Deste ano até 1990 enquanto a população cresceu 61,5% o consumo de cigarros aumentou 125,7%.⁷

A Organização Mundial da Saúde, estima que um terço da população adulta do Mundo, em torno de 1 bilhão e 200 milhões de pessoas sejam fumantes.^{2,4}

Ainda segundo a OMS, 47% de toda a população masculina e 12% das mulheres cultivam o hábito do tabagismo, no mundo. Acredita-se também que a participação das mulheres seja maior nos países desenvolvidos cerca de 24% da população feminina nestes países, enquanto nos países em desenvolvimento este percentual fica em torno de 7%.^{2,4}

Levando em conta a estimativa do IBGE, existiam no Brasil em torno de 31 milhões de fumantes, o que corresponderia a 32,6% da população maior de 15 anos. Deste total de fumantes, 40,4% eram mulheres.⁷

Quando consideramos os jovens entre 15 e 19 anos, temos 2,4 milhões de fumantes em nosso país.⁷

A maior concentração de fumantes no Brasil está na região sul onde 42% dos adultos fuma. Este percentual cai para 31% dos adultos na região nordeste onde encontramos o menor número de fumantes.⁶

Carecemos de estatísticas mais confiáveis, mas registrando a mortalidade por doenças para as quais o tabaco é significativo fator de risco e o número per capita de cigarros consumidos, pode-se estimar que morrem em nosso país

80.000 a 120.000 tabagistas por ano, constituindo 13 a 19% da mortalidade geral, o que é um alto índice.⁷

Com relação ao sexo, observa-se mundialmente a tendência a diminuição da prevalência de fumantes em ambos os sexos, porém esta diminuição é mais lenta no sexo feminino, provavelmente por esta razão é que alguns estudos de prevalência do tabagismo na década de 90, mostraram números semelhantes entre homens e mulheres.⁷

Em algumas grandes cidades brasileiras o número de mulheres fumantes tem sido igual ou até maior que o de homens fumantes. E em nosso trabalho isto aconteceu entre aqueles com idade superior a 56 anos.⁷ (tabela 6)

Mauad et al⁸, estudando a prevalência do tabagismo em escolares de Barretos- S.P., mostrou que entre os 1678 entrevistados maiores de 16 anos 14,1% faziam uso regular do cigarro. Sendo que entre os homens a prevalência era de 15,5% contra 12,3% entre a mulheres. Este estudo mostrou ainda que 73,9% dos entrevistados iniciaram a fumar antes dos 15 anos de idade.

Campos⁹, estudando o tabagismo entre os médicos do Brasil no ano de 1991, encontrou a proporção de fumantes de 24,9%

Moreira et al¹⁰, analisou a prevalência do tabagismo e outros fatores de risco em Porto Alegre, reunindo 1091 questionários, obtendo 34,9% de fumantes. A incidência subiu para 41,5% quando analisados somente os homens e permaneceu em 29,5% ao levar-se em conta as mulheres pesquisadas.

Simões¹¹, avaliou o tabagismo entre estudantes do primeiro e segundo grau na Cidade de Araraquara, São Paulo. Dentre os 1918 alunos 6,7% eram fumantes. Dentre os fumantes 81,7% iniciaram o hábito entre 12 e 17 anos.

Rego et al¹², estudou fatores de risco para doenças crônicas no município de São Paulo, estado de São Paulo, encontrando 37,9% de tabagismo na população estudada.

Deitos et al¹³, em seu estudo sobre a prevalência do consumo de tabaco e álcool e drogas ilícitas, entrevistou 1074 estudantes, encontrou 10,3% de prevalência do tabagismo.

Duncan et al¹⁴, reuniu 1157 entrevistas de moradores do município de Porto Alegre e descreveu 40% de fumantes neste estudo.

Caramori¹⁵, estudando fatores envolvidos na gênese do tabagismo, em 573 estudantes fumantes, contabilizou que 71,6% deles iniciaram a fumar entre os 12 e 15 anos de idade.

Bortolotto¹⁶, cita em seu trabalho sobre tabagismo nas mulheres, que a incidência do tabagismo entre as mesmas, que em 1970 era inferior a 10%, hoje é de 24% em mulheres com idade entre 15 a 64 anos, podendo chegar a 33% nas mulheres em idade fértil.

Ribeiro et al⁷, estudou a prevalência do tabagismo na Universidade Federal de São Paulo em 1996, e encontrou entre as 2613 pessoas que responderam o questionário o seguinte aspecto: a idade onde prevaleceu o maior número de fumantes foi de 31 a 40 anos (26,6%), e a prevalência de ex-fumantes foi crescendo com a idade, chegando a 45,5% nos indivíduos com idade superior a 60 anos.

Horta et al¹⁷, interrogou 632 adolescentes entre 12 e 18 anos de idade, em Pelotas – R.S., e encontrou 11,1% de fumantes, 6,8% de ex-fumantes e 82,1% de adolescentes que nunca haviam fumado regularmente.

Griep et al¹⁸, em seu trabalho “Tabagismo entre trabalhadores de uma empresa bancária”, encontrou 29,5% de tabagistas entre os 647 estudados. Sendo 31,1% entre os homens, e 27,8% entre as mulheres.

Em nosso trabalho do total de 1886 entrevistados encontramos 24,8% de fumantes e 12,7% de ex-fumantes e 62,5% de não fumantes (Tabela 1). Estes números quando comparados aos resultados de outros estudos como o de Moreira, Rego e Duncan indicam uma baixa incidência de tabagismo na

população estudada. Este fato é reforçado ao analisarmos números do Ministério da Saúde que mostra na Região Sul a maior incidência de tabagismo do Brasil, em torno de 42% da população adulta.^{7,10,12,14,16}

Quando avaliamos os sexo separadamente, em nosso trabalho encontramos 27% homens fumantes, 16,1% ex-fumantes e 56,9% não fumantes. Entre as mulheres a proporção era menor, 22,2% de fumantes, 8,9% ex-fumantes e 68,9% não fumantes (Tabela 1). O que indica que a proporção de homens fumantes é menor que a esperada. Já a proporção de mulheres é compatível com a de outros trabalhos.^{7,8,10,16,18}

Ao levarmos em consideração a faixa etária entre 15 e 25 anos (Tabela 2), a proporção de fumantes era de 25,2%, contra 4,3% de ex-fumantes e 70,5% de não fumantes; proporção superior a encontrada em estudos que levavam em conta esta faixa etária, como o de Mauad, Deitos e Simões. Mas devemos levar em conta que estes trabalhos citados estudaram apenas a população escolar de ensino fundamental e médio e que nossa pesquisa estudou a população em geral.^{7,8,11,13,17}

Entre os entrevistados com 26 a 35 anos, (Tabela 3), o percentual de fumantes foi de 23,9%, enquanto o de ex-fumantes ficou em 8,4% e de não fumantes em 67,7%. Ficando também abaixo da incidência mostrada em outros estudos.^{7,16,18}

Observando a faixa etária de 36 a 45 anos (Tabela 4), temos 27,5% de fumantes, 15,9% de ex-fumantes e 56,5% de não fumantes. Nesta faixa etária, apesar de a proporção de tabagistas ser baixa, em relação a outros estudos, somando-se a ela o número de ex-tabagistas, encontramos o percentual de 43,5% da população que fez ou faz uso de cigarros atingindo assim os números estimados pelo Ministério da Saúde e os percentuais encontrados em outros trabalhos.^{7,16,18}

Na faixa etária de 46 a 55 anos (Tabela 5), temos 32,1% de tabagistas, 21,4% de ex-tabagistas e 46,5% de não fumantes. Nesta parcela da população estudada encontramos um número de fumantes que corresponde aos números esperados pela estimativa do Ministério da Saúde. Importante ressaltar também que temos nesta faixa de idade mais de cinquenta por cento dos entrevistados como pessoas que já entraram em contato com o hábito de fumar, pois apenas 46,5% dos avaliados eram não fumantes.^{7,10,12,14}

Nas pessoas com idade a partir de 56 anos (Tabela 6), temos 48,4% dos entrevistados entre tabagistas (12,1%) e ex-tabagistas (36,3%), o que indica que boa parte desta população fez ou faz uso do cigarro.^{7,14}

Quando avaliamos a idade de início do tabagismo (Figura 2), temos que 31,6% iniciaram o tabagismo antes dos 15 anos, percentual menor que o encontrado em outros estudos já citados, porém estes estudos levaram em conta apenas populações de escolas de ensino fundamental e médio o que limitou a idade dos entrevistados em faixas etárias mais baixas. Em nosso estudo a maioria dos tabagistas (56,5%) haviam iniciado a cultivar este hábito entre 15 e 25 anos de idade.^{7,8,11,15,17}

6. CONCLUSÃO

Podemos concluir com o presente trabalho que o tabagismo pela sua freqüência na população estuda constitui em Florianópolis um problema de saúde pública semelhante ao descrito na literatura para outras localidades.

A ampla maioria dos fumantes estudados iniciou a fumar antes dos 25 anos de idade.

Faz-se necessário que outros trabalhos sejam desenvolvidos em outras áreas para que possamos ter números mais precisos da epidemiologia do tabagismo em nosso meio.

7. REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde. *Falando sobre tabagismo*. Rio de Janeiro; 1996 .
2. Rosemberg J. Tabagismo sério problema de saúde pública. 1ª edição. São Paulo: Ed. Almed - EDUSP; 1981.
3. Ministério da Saúde. Epidemiologia do tabagismo no Brasil. Rio de Janeiro; 1994
4. Rigatto, M. Tabagismo. In: Silva LCC, editores. *Compêndio de Pneumologia*, 2ª edição. São Paulo: Fundo Editorial BYK; 1991. P. 289 – 311.
5. Ratto, OR. Bronquite crônica e enfisema. In: Paula A, editores. *Pneumologia*, 1ª edição. São Paulo: Sarvier; 1984. P105-26.
6. Ministério da Saúde. *Como Implantar um Programa de Tabagismo*. Rio de Janeiro, 1996.
7. Ribeiro AS, Jardim JR, Laranjeira AKS, Alves F, Kesselring L, Fleissig MZH, et al. Prevalência do tabagismo na universidade federal de São Paulo, 1996 – dados preliminares de um programa institucional. *Rev. Assoc. Méd. Brás* 1999; 45:
8. Mauad ECO, Bonetti LMG, Silva CM, Nogueira JL, Mirra AP. Prevalência do tabagismo e seus determinantes em algumas escolas de Barretos – São Paulo em 1996. *Revista Brasileira de Cancerologia* 1999; 45(1):
9. Campos HS. Tabagismo entre os médicos do Brasil. *Jornal de Pneumologia* 1992; 18(1):1-9.
10. Moreira LB, Fuchs FD, Moraes RS, Bredemeir M, Cardozo S. Prevalência do tabagismo e fatores associados em área metropolitana da região Sul do Brasil. *Revista Saúde Pública* 1995;29(1):46-51.

11. Simões MJS. Tabagismo entre estudantes do primeiro e segundo graus em Araraquara, SP. *Medicina Ribeirão Preto* 1990; 23(4):223-31.
12. Rego RA, Berardo FA, Rodrigues SSR, Oliveira MB, Vasconcelos C, Aventurato LVO, et al. Fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis: inquérito domiciliar no Município de São Paulo, SP (Brasil). Metodologia e resultados preliminares. *Revista Saúde Pública* 1990; 24(4):277-85.
13. Deitos FT, Santos RP, Pasqualotto AC, Segat FM, Guillande S, Benvegnú LA. Prevalência do consumo de tabaco, álcool e drogas ilícitas em estudantes de uma cidade de médio porte no sul do Brasil. *Inf. Psiquiatr* 1998; 17(1):11-6.
14. Duncan BB, Schmidt MI, Polanczyk CA, Homrich CS, Rosa RS, Achutti AC. Fatores de risco para doenças não-transmissíveis em área metropolitana na região sul do Brasil. *Rev. Saúde pública* 1993; 27(1):43-8.
15. Caramori CRA, Fagundes MA, Belmonte MM, Defavery R, Caramori PRA, Zielinsky P, et al. Estudo de alguns fatores na gênese do tabagismo. *Rev. HCPA & Fac. Med. URGs* 1988; 8(2,supl):26-8.
16. Bortolotto LA. Tabagismo nas mulheres. *Rev. Bras. de Cardiologia* 2000; 02(04):
17. Horta BL, Calheiros P, Pinheiro RT, Tomasi E, Amaral KC. Tabagismo em adolescentes em área urbana na região Sul do Brasil. *Rev. Saúde Pública* 2001; 35(2)
18. Griep RH, Chór D, Camacho LAB. Tabagismo entre trabalhadores de empresa bancária. *Rev. Saúde Pública* 2001; 32(6)

NORMAS ADOTADAS

Este trabalho foi digitado segundo as normas da resolução nº 003/00 do Colegiado do Curso de Graduação em Medicina da UFSC.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é avaliar a prevalência do tabagismo em uma parcela da população de Florianópolis, além de estudar a idade de início do hábito de fumar entre aqueles que o cultivam.

Voluntários residentes no Município de Florianópolis foram entrevistados através da aplicação de um questionário padrão diretamente pelo pesquisador nas ruas da cidade.

Foram entrevistadas 1886 pessoas, sendo 1006 (53%) homens e 880 (47%) mulheres. Dentre os entrevistados 468 (24,8%) eram fumantes, 240 (12,7%) eram ex-fumantes, e 1178 (62,5%) eram não fumantes. Quanto a idade de início, dentre os 708 entrevistados que eram tabagistas ou ex-tabagistas, 224 (31,6%) haviam começado a fumar antes dos 15 anos de idade, 400 (56,5%) entre 15 e 25 anos, 66 (9,3%) pessoas entre 26 e 35 anos, 13 (1,9%) entre 36 e 45, 05 (0,7%) entre 46 e 55 anos, sendo que nenhum deles começou a fumar após os 55 anos de idade.

O tabagismo constitui em Florianópolis um problema de saúde pública semelhante ao descrito na literatura para outras localidades. A ampla maioria dos fumantes iniciou a fumar antes dos 25 anos de idade.

SUMMARY

The objective of the present work is to evaluate the prevalence of smoking in a parcel of the population of Florianópolis, besides studying the age of beginning of the habit to smoke between that they cultivate it.

Resident volunteers in the City of Florianópolis had been interviewed through a questionnaire standard directly for the researcher in the streets of the city.

People had been interviewed 1886, being, 1006 (53%) men and 880 (47%) women. Amongst the interviewed 468 (24,8%) they were smoking, 240 (12,7%) were former smokers, and 1178 (62,5%) were not smoking. The age of beginning, amongst the 708 interviewed that they were smoking or former smoking, 224 (31,6%) had started to smoke before the 15 years old, 400 (56,5%) between 15 and 25 years, 66 (9,3%) between 26 and 35 years, 13 (9,1%) between 36 and 45, 05 (0,7%) between 46 and 55 years, none of them started to smoke after 55 years old.

The smoking constitutes in Florianópolis a problem of similar public health to described one in literature for other localities. The ample majority of the smokers initiated to smoke before 25 years old.

APÊNDICE

Apêndice 1: Questionário aplicado aos entrevistados:

Sexo: () M () F Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Local de Residência : _____

Fumante: () Sim Não () Ex-fumante ()

Tempo: _____

Cigarros/dia: _____

Idade de início: _____

Parou há quanto tempo: _____

**TCC
UFSC
CM
0473**

N.Cham. TCC UFSC CM 0473
Autor: Silva, Leonardo Lu
Título: Incidência do tabagismo na popul



972811131 Ac. 253622

Ex.1

Ex.1 UFSC BSCCSM